



M. Licia Paglione<sup>1</sup>

[liciapaglione@yahoo.it](mailto:liciapaglione@yahoo.it)

Mauricio C. Serafim<sup>2</sup>

[serafim.esag@gmail.com](mailto:serafim.esag@gmail.com)

## DA RACIONALIDADE À RELACIONALIDADE: A EMPRESA DE ECONOMIA DE COMUNHÃO NA LIBERDADE COMO UM CASO DE ORGANIZAÇÃO SUBSTANTIVA INTEGRATIVA

O trabalho que pretendemos apresentar se insere em um debate mais amplo sobre as organizações substantivas – conceito desenvolvido sobretudo por alguns autores brasileiros (RAMOS, 1989; SERVA, 1993, 1997) – e, mais especificamente, a capacidade de tais organizações de criar e reforçar os vínculos sociais entre os membros (SERVA, 1993) e entre os ‘estranhos’ (VIZEU, 2009). Entendemos que tais contribuições podem ser melhor desenvolvidas em dois pontos principais: (a) na compreensão mais acurada sobre a dinâmica da criação e manutenção de laços com os ‘estranhos’, isto é, sujeitos precedentemente não participantes da estrutura e dinâmica organizacional; (b) na exploração da possibilidade e das evidências de que da mesma forma que organizações substantivas podem ser ‘contaminadas’ pela lógica mercantil típicas de empresas privadas (ALVES, 2002; VIZEU, 2009), as empresas privadas podem ser ‘contaminadas’ pela racionalidade substantiva, apresentando uma importante dimensão isonômica (SERAFIM, 2001; ALMEIDA; LEITÃO, 2003) e podendo ser consideradas como fontes criadores de laços sociais. Atentos a esses dois pontos, enfocamos nossa pesquisa sobre um fenômeno econômico e organizativo contemporâneo denominado Economia de Comunhão na Liberdade (EdC), surgido em 1991 no Brasil de um movimento civil e religioso internacional conhecido como Movimento dos Focolares (MF). A EdC atualmente envolve cerca de 700 empresas privadas no âmbito mundial que aderiram à proposta de reinvestir o lucro não apenas para o desenvolvimento da empresa, mas também para reduzir a pobreza material e difundir uma cultura econômica – definida no MF como “cultura da partilha” em crítica à “cultura do ter” – com vistas a um objetivo mais amplo de criar a unidade, isto é, gerar e fortalecer laços sociais livres e não-instrumentais baseados na racionalidade substantiva. O objetivo principal do trabalho é explorar – por meio de uma análise empírica conduzida à luz da perspectiva teórica da Sociologia Econômica, e mais especificamente, do Paradigma da Dádiva (GODBOUT, 1999; CAILLÉ, 2002; MAUSS, 2003) – a hipótese de que a empresa de EdC pode ser considerada como um sistema da dádiva ou, em outras palavras, como uma *organização substantiva integrativa*, isto é, capaz – como a dádiva moderna (GODBOUT, 1999) – de criar e reforçar vínculos sociais não apenas entre seus próprios membros, mas também com aqueles que, de acordo com a abordagem teórica utilizada, são chamados de ‘estranhos’. No nosso trabalho, tais sujeitos são aqueles que na EdC são chamados de ‘pobres’ – pessoas precariamente inseridas no sistema econômico – cuja integração pode ser realizada por meio da criação de postos de trabalho para elas, ajuda financeira para sua formação educacional ou profissional, e financiamento de seus

---

<sup>1</sup> Facoltà di Scienze Sociali - Università G. D’Annunzio - Chieti-Pescara (Itália)

<sup>2</sup> Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas, Universidade do Estado de Santa Catarina (ESAG/ UDESC).

empreendimentos. Tal integração, apesar de privilegiar em um primeiro momento a dimensão econômica, enfatiza a importância da dimensão relacional na esfera do mercado, não reduzida apenas àquela mais comum no âmbito econômico – do tipo exclusivamente instrumental ou filantrópico – devido, principalmente, a uma orientação valorativa da ação administrativa de considerar essas pessoas como protagonistas da organização: os ‘pobres’ contribuem – tanto quanto os empreendedores – para o desenvolvimento dos objetivos da EdC. Essa perspectiva permite que a dimensão relacional entre os atores da EdC (no nosso trabalho os empresários e os pobres) seja embasada sob o princípio de regulação similar com o que Polanyi (1988) denomina de reciprocidade, isto é, circulação de bens entre pontos correlatos de grupos simétricos. Em outras palavras, tal circulação, ao mesmo tempo, parece fundamentar e reforçar as relações entre os empreendedores e os ‘pobres’ ao colocar os bens à serviço dos laços, como em um sistema da dádiva (GODBOUT, 1999). O trabalho é baseado em uma pesquisa de campo exploratória, de caráter qualitativo, realizada no Brasil (outubro-dezembro de 2008) com as seis empresas inseridas no pólo empresarial Spartaco, situado na cidade de Cotia (SP) e outras três que estão coligadas a ele, localizadas em Vargem Grande Paulista (SP). Os instrumentos e técnicas utilizados foram a análise de documentos, entrevistas semiestruturadas e observação não-participante, enfocando a atenção sobre os três principais atores da EdC: os empreendedores (11 entrevistas), as pessoas em necessidade (os ‘pobres’) a quem é destinada parte dos lucros das empresas (11), e os membros da comissão de EdC que se ocupam, dentre outras atividades, de distribuir os recursos para tais pessoas. Os resultados indicam que, paralelamente à evidente dinâmica de troca de mercado realizado pelas empresas de EdC, há a presença de uma troca embasada na reciprocidade típica da dádiva. Essa copresença (SALSANO, 2008) da troca mercantil e reciprocidade parece possível na empresa EdC como efeito de uma ação administrativa *paradoxal*, isto é, suscitada por motivações mistas (obrigação, liberdade, interesse, gratuidade) e por uma lógica também paradoxal (incondicionalidade condicional), símile as que são observadas na troca da dádiva (CAILLÉ, 2002). Entre tais motivações observadas no agir administrativo da empresários de EdC, uma se mostra principal: a gratuidade, ou, como os atores da EdC afirmam, o amor. Isso, a nosso ver, representa o elemento que permite e sustenta o ‘clima de incondicionalidade’ (CAILLÉ, 2002) necessário, segundo os teóricos da dádiva, para gerar e alimentar a reciprocidade, ou seja laços não instrumentais e não hierárquicos, mas ‘propriamente humanos’ (GODBOUT, 1999) entre os membros da empresa e, adicionalmente, entre empresa e pobres, integrando na dinâmica econômica e organizacional pessoas ‘estranhas’ ao sistema econômico. A gratuidade e a incondicionalidade, como motivação e como lógica de ação, acrescentam aos valores comumente conhecidos de bens econômicos (de uso e de troca) um terceiro valor, definido como ‘valor de laço’, isto é, aquele valor que exprime “a importância da relação que existe entre os coparticipantes, a importância do outro independentemente daquilo que circula” (GODBOUT, 2008, p. 117). A gratuidade e a incondicionalidade mostram-se, então, como elementos capazes de transformar uma organização econômica em uma organização substantiva, caracterizada por uma racionalidade não primariamente instrumental e pela capacidade de criar laços entre os próprios membros. Mas elas também podem ser consideradas como elementos capazes de ‘abrir’ uma organização substantiva, transformando-a em *organização substantiva integrativa*, isto é, capaz de criar laços com pessoas que são ‘estranhas’ à vida econômica e à organização (os pobres), integrando-os de forma ativa (em contraposição à passiva, como a filantropia) nas dinâmicas econômica e organizacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Organizações substantivas, teoria da dádiva, racionalidade, economia de comunhão, ação administrativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.; LEITÃO, S. P. Empresas de economia de comunhão e racionalidade substantiva. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 6, p. 1145-70, 2003.

ALVES, M. A. Organizações do terceiro setor e sua(s) racionalidade(s). In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD, 26., 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002 CD ROM.

CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: O terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GODBOUT, J. T. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GODBOUT, J. T. *Quello che circola tra noi: Dare ricevere e ricambiare*. Vita e Pensiero, Milano, 2008.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.185-314.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

RAMOS, A. G. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1989.

SALSANO, A. *Il dono nel mondo dell'utile*. Bollati Boringhieri, Torino, 2008.

SERAFIM, M. C. *A ética no espaço de produção: contribuições da economia de comunhão*. 2001. 139p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em <<http://goo.gl/LoS1x>>

SERVA, M. O fenômeno das organizações substantivas. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 36-43, 1993.

SERVA, M. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 18-30, 1997.

VIZEU, F. Contribuições da sociologia da dádiva aos estudos sobre organizações substantivas. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 16, n. 50, p. 409-27, 2009.